

## Muanamosi Matumona

### Teologia africana da reconstrução como novo paradigma epistemológico

#### Contributo lusófono num mundo em mutação.

Lisboa Roma Editora, 2008

*A obra que temos entre mãos foi aprovada como tese de doutoramento em teologia na Universidade Católica Portuguesa e apresentada na Faculdade de Teologia do Porto em 17/4/08, pelo Prof. Arnaldo de Pinho. Dessa apresentação damos aqui um resumo.*

O texto que ora se apresenta deve-se ao esforço dum estudante africano, natural de Angola, que nesta casa passou como aluno e nesta cidade foi trabalhador estudante e que depois foi sacerdote diocesano na sua Diocese de Uíge.

Trata-se dum trabalho original, bem documentado, talvez algo polémico em sua parte final (III Parte), mas que denota um bom conhecimento das teologias africanas e europeia.

Como se sabe a evangelização em África passou por várias teologias: a da Contra-Reforma do séc. XV ao séc. XIX, sempre no escopo da "salvação das almas", com pouca ou nula consideração pela cultura africana e pelo homem africano; durante o séc. XIX e XX desenvolve-se muito a missão em África, com várias congregações activas e com métodos de boa organização e implantação de missões com escola, hospital, etc.

O movimento da negritude dos direitos cívicos leva a olhar a cultura africana, segundo uma expressão em voga, como "pierres d'attente", com a conseqüente necessidade de ouvir os africanos e as suas aspirações. Os esforços empreendidos eram em geral, vindos de fora.

A partir de 1956, um movimento endógeno toma corpo, quando um grupo de sacerdotes negros, vivendo na Europa, escreve um texto-manifesto que originou discussões salutares, intitulado *Des prêtres noirs s'interrogent*.

Hoje a teologia africana conta já com alguns nomes e centros consagrados, que se orientam, em geral, numa dupla direcção: uma linha mais culturalista com E. Mveng, Mushete e Penoukou e uma outra mais crítica, mais próxima da Teologia da Libertação com J. M. Ela e Metogo. Surge ainda uma terceira linha, dita da reconstrução, com Ka Mana na qual se filia o autor desta obra, Matumona.

A obra divide-se em três partes:

1. A história da teologia africana.
2. Reacções africanas a propostas do Magistério.
3. Proposta reflexiva do autor.

A primeira parte constitui uma boa síntese dos esforços feitos por teólogos africanos numa teologia que seja verdadeiramente inculturada. Na segunda desenvolve algumas perspectivas do Magistério e dos sínodos africanos.

A terceira parte é a mais original. Não colocando de parte a religiosidade africana ou seja a chamada linha culturalista, pensa o autor que é necessário assumir a etapa da Modernidade, numa época de mundialização de trocas civilizacionais e portanto de atender à razão e à democracia; rejeita assim uma teologia excessivamente regional e etnográfica, sem abandonar e uma teologia exclusivamente crítica voltada para os erros do passado, como os cometidos durante a época colonial.

A proposta de Matumona vai na linha dum humanismo africano aberto a uma racionalidade cívica exigente e a uma simbólica cultural africana. Insere o seu contributo, numa reflexão lusófona que conta, como refere, já alguns nomes: o de Fr. José Nunes, sobre o ondjango, o de Frei Bento Domingues e o de Adriano Langa. Mais longínquos, seria talvez de não esquecer, os contributos de D. Moisés Alves de Pinho, arcebispo de Luanda e o de D. Sebastião Resende que foi primeiro Bispo da Beira, figuras que iam na linha da promoção social dos negros contra a política de assimilação que era a do Ministério das Colónias, como se chamava.

No final, traça o autor, algumas perspectivas para um novo paradigma epistemológico. Trata-se numa incursão em área extremamente difícil. E dessa dificuldade se ressentem o texto em análise. Eu diria que há por ali algumas intuições dispersas, mas que não chegam para criar um paradigma. De resto a teologia africana é ainda muito incipiente para podermos falar dum paradigma, e menos ainda, quiçá, numa epistemologia.

Essa tentativa poderá ser todavia prosseguida. E, sem dúvida, que a obra de Jean Ladriere, *L'articulation du sens*. II e III, poderá fornecer ao jovem teólogo africano, algumas boas pistas para fundar uma epistemologia coerente.

Pelo seu esforço, já demonstrado, muito há ainda a esperar deste jovem a quem felicitamos vivamente, pelo trabalho realizado e a quem auguramos um trabalho fecundo ao serviço da Igreja e do homem africano.

Arnaldo de Pinho